

**Recebido em: 21-06-2023**

**Aceito em: 15-12-2023**

## **FEMINISMO NEGRO E AS MULHERES LÉSBICAS: trazendo o protagonismo social a partir da mediação da informação**

Daniella Camara Pizarro<sup>1</sup>

Aline Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo:** Mediação da Informação vem sendo amplamente discutida dentro das áreas da Ciência da Informação e na Biblioteconomia, tanto quanto em temas de investigação científica como no âmbito acadêmico. Compreende-se que a mediação da informação, é um processo que se dá justamente na relação entre técnica e fatores humanos. Neste trabalho, que é na área das ciências sociais aplicadas e de caráter social, abordaremos sobre a importância da mediação da informação tornando o protagonismo social de mulheres negras feministas e lésbicas como primeiro plano e colocando-as em seu lugar de enunciação e representação de seus direitos a partir do feminismo negro.

**Palavras-chave:** Mediação da informação; Protagonismo Social; Feminismo Negro.

### **1 INTRODUÇÃO**

No atual contexto da sociedade, a nova estrutura social criada, onde um determinante grupo detém a informação, em todos os campos – elite masculina, branca, heterossexual e cisgênero -, está retirando o lugar de enunciação e empoderamento de outros grupos, sendo estes comumente grupos de vulnerabilidade socioeconômica, especificamente como no caso desta pesquisa, as mulheres negras feministas e lésbicas.

Desse modo, automaticamente, construiu-se o retrato da pessoa negra com uma imagem marginalizada e inferiorizada, pautada no racismo e nas desigualdades, principalmente relativas às mulheres que foram oprimidas durante a longa conquista da cidadania (Pereira, 2021).

<sup>1</sup> Doutorado em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PGCIN da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestrado em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PGCIN da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduação em Biblioteconomia com Habilitação em Gestão da Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora adjunta da Graduação em Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: daniella.pizarro@udesc.br.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Graduação em Biblioteconomia com Habilitação em Gestão da Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bibliotecária da Faculdade Senac Blumenau. E-mail: ealinf.26@gmail.com.

Houve assim, um retardo na representação histórica deste grupo de pessoas, pois a subsequente abolição sem acolhida da pessoa negra no mercado de trabalho e sem que fossem propiciadas a elas as mínimas condições de subsistência corroboraram para tal retardo.

Um novo cenário surge, e, então, através dele, cada dia mais, a necessidade da mediação da informação. Esta mediação nada mais é que uma ação de interferência e apropriação da informação, tanto coletiva quanto individualmente.

O conhecimento é dinâmico e está em constante mudança, assim como a sociedade, e é papel da pessoa profissional da informação como mediadora disseminar, veicular, e, de certa forma, filtrar estas informações que o indivíduo é bombardeado diariamente.

Atrelado a isto, está o protagonismo social que nos traz reflexões acerca da sua relação com a mediação da informação, e, por isso, torna-se fundamental no contexto sociopolítico atual. Bem como, tal ideia remete à dimensão social da ética e da moralidade, pois, são valores morais e normas que definem costumes e as relações dos grupos ou indivíduos na sociedade.

A urgência do estudo de mediação da informação e protagonismo social estão intrinsecamente ligados à capacidade de escuta, e, assim, dar visibilidade e ser assertivo com a informação a partir das mulheres feministas negras e lésbicas trabalhando na linha de frente do seu próprio sentido de viver como protagonista de sua própria história, pesquisa e de seu próprio fazer conhecimento.

O feminismo não é heterogêneo e unificado, dentro do movimento existem muitas singularidades, pois o feminismo, o pensamento e a realidade de mulheres brancas e heterossexuais, não é o mesmo pensamento e necessidade de mulheres negras, indígenas, lésbicas, de baixa renda, entre outras.

Assim, surgiu então o Feminismo Negro, que abarca tantas destas mulheres que não se viam representadas, mesmo estando dentro de coletivos, coletivas, ONG's, ou movimentos feministas, o que chama-se de “diferença dentro da diferença”, pois houve esta necessidade.

Entende-se a mediação da informação como meio da apropriação do protagonismo e como base do processo de conscientização, domínio dos conhecimentos e do exercício da crítica, que são elementos fundamentais para a formação dos indivíduos protagonistas nestes grupos de vulnerabilidade, como trata este trabalho, de mulheres feministas negras e lésbicas.

Neste sentido, trataremos aqui a temática da mediação da informação e seu objetivo principal, que é trazer o protagonismo social para as mulheres negras e lésbicas, sobrepujando assim os desafios de raça, gênero e sexualidade impostas pela sociedade.

## 2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROTAGONISMO SOCIAL

O conhecimento é dinâmico e está em constante mudança, assim como a sociedade, e é papel da pessoa profissional da informação como mediadora disseminar, veicular, e, de certa forma, filtrar estas informações que o indivíduo é bombardeado diariamente.

Compreende-se fazer mediação como informação em estado de compartilhamento (Gomes, 2017), é saber direcionar e tratar a disseminação da desinformação, de forma em que a comunidade ou grupo em que esta pessoa mediadora esteja inserida, não seja prejudicada, diminuída ou ofuscada.

Atrelado a isto, está o protagonismo social que nos traz reflexões acerca da sua relação com a mediação da informação, e, por isso, torna-se fundamental no contexto sociopolítico atual. Bem como, tal ideia remete à dimensão social da ética e da moralidade, pois, são valores morais e normas que definem costumes e as relações dos grupos ou indivíduos na sociedade.

Segundo Gomes (2019, p. 12):

O protagonismo representa, em sua essência, uma ação de resistência contra a opressão, discriminação, *apartheid* social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente, por esta razão, não se pode falar em protagonismo, omitindo-se que este ao mesmo que resulta da ação mediadora também a impulsiona e, por conseguinte, também reflete na dimensão política desta ação.

O protagonismo social tem como papel principal a representatividade, resistência e cultura. Assim sendo, o protagonismo social é uma conduta moral que traz voz às minorias, à grupos de pessoas socialmente vulnerabilizadas e tornam-se agentes transformadores de sua própria história, conforme explica Gomes (2019, p. 15):

Assim, pode-se defender que o protagonismo é social, além de representar uma conduta assumida, uma postura, um modo de ser e estar no mundo, que envolve as diversas esferas e dimensões da vida social, incluindo a dimensão cultural, compreendendo-se cultura como produção humana, na qual se inclui o objeto informação.

Entende-se, desta forma, a mediação da informação como meio da apropriação do protagonismo e como base do processo de conscientização, domínio dos conhecimentos e do exercício da crítica, que são elementos fundamentais para a formação dos indivíduos protagonistas nestes grupos de vulnerabilidade, como trata este trabalho, de mulheres feministas negras e lésbicas.

Tratar o conceito de mediação na relação das pessoas com o ambiente em que estão inseridas e na sua interação com o mundo se dá a partir do momento em que compreendemos o processo histórico, social e cultural que nos cercam (Farias, 2015).

Para Brito, Belluzzo e Almeida Junior (2021, p. 324):

A mediação da informação, no contexto da Ciência da Informação, dialoga com áreas como a educação e a cultura, e, vem ao longo dos anos, ampliando e aprimorando suas bases teóricas. A biblioteca é um dos espaços em que a mediação se encontra, a priori, podendo mediar as necessidades de seus interagentes.

Desse modo percebe-se a importância da educação e cultura para a formação dos indivíduos durante o processo de construção de suas autonomias, caráter e capacidade crítica e de socialização.

De acordo Gomes (2014, 2016), a mediação da informação é baseada em cinco dimensões, que são categorias integrantes do conceito de mediação consciente da informação proposto por Almeida Junior, que se articuladas e desenvolvidas em conjunto, tornam a mediação realmente efetiva, as cinco dimensões implicam em dialógica, estética, ética, formativa e política (Gomes, 2019). Uma está atrelada a outra, e acontecem gradualmente.

Tais dimensões são fundamentos e contribuições da Ciência da Informação ao desenvolvimento do protagonismo social (Gomes, 2020). A autora afirma que “somente ao alcançar totalmente todas estas cinco dimensões da mediação da informação em conjunto, ocorre a chamada apropriação da informação” (Gomes, 2019, p. 16).

A apropriação da informação, acontece quando alguém recebe a informação sobre determinado assunto, às compreende e transforma em seus próprios conhecimentos e a partir deste processo, reproduz demais informações acerca deste determinado tema em voga.

A pessoa bibliotecária deve ter plena consciência de que seu papel ao trabalhar com informação é característico da estrutura social vigente, bem como assumir a relação da sua área de conhecimento, de trabalho e campo de atuação com as questões sociais, compreendendo e atuando pela educação de forma política como transformadoras sociais.

O protagonismo é social, envolve várias dimensões culturais, um modo de existência, resistência e consciência que exige determinada tomada de decisão frente à obstáculos impostos pela sociedade no cotidiano de cada indivíduo (Perrotti, 2017).

Nessa perspectiva há uma relação entre a vulnerabilidade social e a mediação da informação, sendo a última um mecanismo para o fortalecimento de cada indivíduo, como é o caso da tratativa deste trabalho, mulheres feministas negras e lésbicas, que com vistas às violências de raça, gênero e sexualidade enfrentadas no cotidiano, acabam por possuir a capacidade de liberdade limitada. (Macklin, 2004).

Não existe uma fórmula para a mediação e cada ação deve ser planejada e desenvolvida especificamente para aquele indivíduo, de acordo com a necessidade que é observada dialogando com esta pessoa. Assim, é preciso enxergar a pessoa em busca de sua necessidade informacional como um cidadão ativo, que procura, avalia e utiliza as informações conforme sua realidade, acendo assim à pessoa mediadora, saber oferecer-lhe da melhor forma, com os melhores recursos que esta possa utilizar para aplicar em sua vida a informação adquirida.

### 3 FEMINISMO NEGRO

As buscas das mulheres negras pelo reconhecimento mesmo dentro do Movimento Feminista vêm de décadas atrás, onde percebe-se que seus direitos e suas reais necessidades não eram discutidas, tão pouco, colocadas em evidência. Pois, aquele grupo de mulheres não reconhecia seus próprios privilégios, e, que outras mulheres ali presentes, negras e lésbicas não eram ouvidas.

Dessa forma, as mulheres negras e lésbicas denunciavam suas exclusões do Movimento Feminista, que passou a ser visto não apenas como pensamento feminista, mas como pensamento feminista branco (Piscitelli, 2008).

As mulheres negras, bem como várias outras mulheres, não se sentiam representadas pelo feminismo hegemônico, que pregava um feminismo unificado e falava de uma mulher universal e de uma opressão comum a todas. Havia sim, uma opressão histórica baseada em gênero, mas essa não era a única forma de violência a que as mulheres estavam sujeitas (Barbosa, 2016).

Engana-se quem entende o feminismo como algo heterogêneo e unificado, dentro do movimento existem muitas singularidades, e, tais diferenças, acabaram gerando um conflito dentro

do próprio movimento. Pois, o feminismo, o pensamento e a realidade da mulher branca e heterossexual, não é o mesmo pensamento e necessidade da mulher negra, indígena, lésbica, de baixa renda, entre outras.

Assim, surgiu então o Feminismo Negro, que abarca tantas destas mulheres que não se viam representadas, mesmo estando dentro de coletivos, coletivas, ONG's, ou movimentos feministas, o que chamamos de “diferença dentro da diferença”, pois houve esta necessidade.

Foi então, justamente pela dificuldade em falar e serem ouvidas, que militantes negras perceberam a necessidade de criar e participar efetivamente de um movimento feminista. Contudo, nesses espaços elas também encontraram dificuldades, como a omissão do racismo e das consequências na vida de “mulheres de cor”, era um feminismo que transmitia a “cosmovisão eurocêntrica e o neocolonialismo.” (Gonzalez, 2018, p. 309).

As questões abordadas sobre raça fortaleceram o movimento das mulheres e desenvolveu o feminismo negro que não coloca os interesses ou privilégios acima de nada. Superar a negação da raça, abordada e observada dentro dos movimentos, ajudou as mulheres a encarar a realidade das diferenças em todos os níveis (Hooks, 2020).

O feminismo negro contribui e contribuiu para o desenvolvimento do pensamento social de mulheres negras desde o momento em que foi pensado na criação deste coletivo para representações de suas identidades, abrangendo todas as mulheres, negras, não brancas, indígenas, homossexuais, dentre outras.

A população negra sempre sofreu o apartheid epistémico e o memoricídio de forma intencional, a fim de apagar suas histórias, ancestralidades, para que a população não se reconheça como tal, facilitando assim, o processo de inferiorização, e automaticamente de justificar absurdamente a escravidão e os atos da população branca, a elite colonizadora coibir, subalternizar, inferiorizar e marginalizar as pessoas negras. Como exemplo é o banimento da presença dessas pessoas na arte, filosofia, cultura, política, ciência e espaços urbanos é, com intento de apagar as diferenças dos indivíduos a partir das políticas do esquecimento (Pollak, 1989).

Partindo deste pressuposto, não são poucas as autoras que vêm desdobrando esforços para publicar cada vez mais sobre feminismo, mas há cada vez mais urgência de aumentar este leque principalmente para a literatura feminista negra, que trata do lugar de enunciação da mulher negra, que é desconsiderada, desvalorizada nos instrumentos de representação do conhecimento nos âmbitos culturais, sociais, políticos, intelectuais e comportamentais (Reis; Santos, 2019)

Mas para além do epistemicídio causado pela colonialidade, percebe-se na população negra, sobretudo nas mulheres, ao pensar nas mulheres negras lésbicas pode-se fazer uma relação da colonialidade com a colonialidade do ser, que “trata da dimensão que relaciona colonialidade com não existência, com a negação de si que se manifesta de várias formas.” (Andrade, 2018, p. 77).

E é nesse sentido que compreende-se informação como instrumento fundamental na construção ético-moral, informativa e educacional da sociedade, pois pode servir tanto para reforçar estereótipos e a opressão, quanto para legitimar movimentos revolucionários e de resistência (Melo; Alves; Brasileiro, 2019).

Portanto, a luta das mulheres negras não é apenas superar as desigualdades de gênero, mas também de ideologias geradas pela hegemonia masculina e embranquecida que nos impõe uma perspectiva feminista onde não entende gênero como uma variante, apenas na teoria. A partir deste ponto de vista, trago Sueli Carneiro (2020, p. 2) e sua certa observação:

[...] um feminismo negro construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossa sociedade.

Este novo olhar feminista antirracista, faz com que as mulheres tenham papel central e Movimentos e Coletivas, para Carneiro (2020) o atual movimento de mulheres negras que traz para a política articulações de gênero, raça e classe social fortalece a bandeira levantada pelos Movimentos Negros historicamente e traz mais representatividade para suas reivindicações e feminização das propostas.

Diante disto, sintetiza-se aqui a importância dos movimentos sociais, que em meados da década de 1970, foram criados com a intenção de servirem como atores políticos, que representassem uma parcela da população que não estava sendo representada, a parcela da população preta.

Para além da raça, a sexualidade é trazida para discussão por Audre Lorde, escritora norte americana e ativista dos direitos das mulheres e homossexuais, onde a autora traz reflexões sobre a importância em falar sobre sexualidade entre as mulheres negras feministas e suas diversidades (Assis, 2019).

Dentro da comunidade lésbica eu sou negra, e dentro da comunidade negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas negras é uma questão lésbica e gay, porque eu e centenas

de outras mulheres negras somos partes da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão negra, porque centenas de lésbicas e homens gays são negros. Não há hierarquias de opressão (Lorde, 1984, p. 07).

Neste sentido, a presente pesquisa trata da temática da mediação da informação, como já abordado anteriormente, para identificar como estes conceitos e práticas podem ajudar as mulheres negras e lésbicas a sobrepujar os desafios de raça, gênero e sexualidade impostas pela sociedade a partir do seu próprio protagonismo social.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma relação entre a vulnerabilidade social e a mediação da informação, sendo a última um mecanismo para o fortalecimento de cada indivíduo que com vistas às violências de raça, gênero e sexualidade enfrentadas no cotidiano, acabam por possuir a capacidade de liberdade limitada.

A mediação da informação consciente tem como norte a intencionalidade de estar a serviço do protagonismo social. Compreendi desta maneira a influência do feminismo na representação social das mulheres negras e lésbicas, que sofrem e sofreram maior opressões da sociedade, deve ser levar em conta uma práxis social e política.

Assim, anseio que com mais pesquisas desta temática, fala formativa e dentro do ambiente profissional proporcionar através da ação mediadora cada vez maiores mudanças na representação da característica feminina negra e nas características das mulheres que se reconhecem como lésbicas, e protagonizá-las através de estudos que as afastem dos rótulos.

É evidente a pouca existência de trabalhos dentro da Ciência da Informação e da Biblioteconomia que tratam de assuntos sobre feminismo negro e sobre mulheres lésbicas, principalmente quando trata-se de mediação da informação. Alguns livros começaram a surgir atualmente pelo Selo Nyota que tratam das questões das mulheres e da homossexualidade e suas representatividades, mas ainda são poucos.

Além do fato de a maioria das autoras serem brancas na área que pesquisam sobre estas temáticas, desse modo deixo a reflexão de pesquisarmos ainda mais sobre o feminismo negro e questões relacionadas às mulheres lésbicas, afim de promover o protagonismo social destas.



## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. P. Lélia Gonzalez e o papel da educação para o feminismo negro brasileiro. **Revista interterritórios periódicos UFPE**, Caruaru, v. 4, n. 6, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/236738>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- ASSIS, D. N. C. **Interseccionalidades**. Salvador: Superintendência de Educação a Distância da UFBA, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30892>. Acesso em: 18 fev. 2023.
- BARBOSA, Karla Maria da Silva. **Feminismo e emancipação feminina: um estudo sobre a concepção da emancipação da mulher negra na Bamidelê** – Organização de Mulheres Negras da Paraíba. 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de ciências sociais e letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: [repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9758/2/arquivototal.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9758/2/arquivototal.pdf). Acesso em: 18 fev. 2023.
- FARIAS, M. G. G. Mediação da informação como prática social: os alicerces teóricos de uma pesquisa. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 331-345, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/28123>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- GOMES, H.F. **Mediação da informação e protagonismo social: relações com a vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas**. In: GOMES, H.F.; NOVO, H.F. **Informação e protagonismo social**. Salvador: UFBA, 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4048>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- GOMES, H. F. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 10–21, 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favos do protagonismo social. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/153133>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- GONZALEZ, L. Mulher negra. In.: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 29–47.
- HOOKE, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- LORDE, A. **Age, race, class and sex: women rede ning di erence**. Califórnia, EU: Sister Outsider Crossing Press, 1984. Disponível em: [https://www.colorado.edu/odece/sites/default/files/attached-files/rba09-sb4converted\\_8.pdf](https://www.colorado.edu/odece/sites/default/files/attached-files/rba09-sb4converted_8.pdf). Acesso em: 18 fev. 2023.

MACKLIN, R. Bioética, vulnerabilidade e proteção. In: GARRAFA, V.; PESSINI, L. (org.). **Bioética: poder e injustiça**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 59-70.

MELO, D. A.; ALVES, E. C.; BRASILEIRO, F. S. Práticas Informacionais das mulheres negras: construindo Competência Crítica em Informação. **Folha de Rosto em Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Juazeiro do Norte, CE, v. 5, n. esp. p. 5-23, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/146576>. Acesso em 31 ago. 2022.

PEREIRA, G. R. **O retrato da mulher preta em estudos da ciência da informação no Brasil**. 2021. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2021.

PERROTTI, E. Sobre informação e protagonismo cultural. In: GOMES, H. F.; NOVO, H. F (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11 – 26.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5247/0>. Acesso em: 18 fev. 2023.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, 1989, 2(3), 3-15, Rio de Janeiro. Disponível em: [https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em: 29 mar. 2023.

REIS, V. J. S.; SANTOS, J. C. S. D. O feminismo negro no contexto da representação do conhecimento: abordagens da representatividade social. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ENANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123312>. Acesso em: 01 set. 2022.

## **Black feminism and lesbian women: bringing social protagonism from the mediation of information**

Information mediation has been widely discussed within the areas of Information Science and Librarianship, both in scientific research topics and in the academic field. It is understood that the mediation of information is a process that occurs precisely in the relationship between technique and human factors. In this work, which is in the area of applied social sciences and of a social nature, we will approach the importance of information mediation, making the social protagonism of black feminist and lesbian women a foreground and placing them in their place of enunciation and representation of their rights from black feminism.

**Keywords:** Mediation of information; Social Protagonism; Black Feminism.